

## **SOBRE O AMOR E SEUS EXCESSOS: ALMAS ESGARÇADAS PELA LOUCURA**

Rafael Venâncio<sup>1</sup>; Renata Maria Silva de Souza<sup>2</sup>; Hermano de França Rodrigues<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba – venancio92@live.com

<sup>2</sup>Universidade Federal da Paraíba – renatasouza\_jc@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal da Paraíba – hermanorg@gmail.com

**Resumo:** O desamparo nos acompanha desde o momento em que, sem escolhas, somos lançados ao mundo. Esta dor, ainda que (re)significada e (re)elaborada pelas ações da cultura, não cessa de ser sentida e as suas reverberações conduzem o sujeito no curso da existência. A título de ilustração, nos vastos campos da literatura, defrontamo-nos com personagens tomados pela agonia da rejeição e do ódio. Eis o caso de Medeia, protagonista do filme homônimo, dirigido por Lars Von Trier, em 1988. Na narrativa em foco, baseada na obra do Eurípedes, a sacerdotisa de Argos é abandonada por seu marido, Jasão, que, visando ascensão e poder social, não se envergonha de trocá-la pela filha do rei da cidade de Corinto, sem se interessar com a sorte dos próprios filhos. Desonrada e furiosa, Medeia planeja e executa a mais cruel e chocante vingança da literatura clássica ocidental, quando, com um só golpe, destrói seus inimigos e mata os filhos que teve com o traidor. Portanto, nossa pesquisa, numa conexão entre a psicanálise de base lacaniana e os estudos cinematográficos, pretende analisar, no *corpus* em cena, esta ambivalente personagem, sobre a qual (re)caem, ao mesmo tempo, vícios e prerrogativas que evidenciam a incapacidade dela de se desligar do *Outro*, a quem se encontra vinculada por laços afetivos dilaceradores, levando-a a cometer atrocidades, a fim de obter as realizações de seus anseios.

Palavras-chave: Vingança, Feminino, Loucura, Psicanálise.

### **1. Introdução:**

*Medea* é um filme dirigido pelo cineasta Lars Von Trier, lançado em 1988. A obra, baseada na tragédia de Eurípedes<sup>1</sup>, traz a cena o drama de uma mulher desprezada e trocada pelo homem que ama, e por quem ultrapassou todos os interditos que regem as sociedades patriarcais. No entanto, esse não é o enredo que história retrata na tela dos cinemas, e sim o engendramento e a execução da mais sanguinária e chocante vingança de que se tem notícia na literatura clássica: Medéia, então amarga e traída, se vale de seus conhecimentos medicinais para assassinar os seus

---

<sup>1</sup> Poeta trágico grego, do século V a.C.

inimigos com substâncias mortíferas; não satisfeita, a ex-sacerdotisa da cidade de Argos, enforca os próprios filhos, para, nas suas palavras, *atacar o pai*.

Ao contrário do que, pelo senso comum, se poderia pensar acerca da personagem supracitada, este trabalho pretende investigar, a partir da psicanálise de base lacaniana, cifras de uma espécie de psicose que se presentifica nos atos deste sujeito desamparado e desprovido da metáfora paterna para que, minimamente, houvesse condições de simbolizar as leis que, certamente, poderiam impedi-la de voltar seu ódio contra o próximo de forma concreta e brutal. Entendemos que Medéia é um ser regido pelo gozo do *Outro*, a quem Jasão passa a representar no momento em que ela o conhece, buscando, na relação que se constitui a partir desse encontro, unir-se a esse Outro inalcançável. O claro e evidente desprezo de Jasão é a prova cabal de que, na verdade, isso jamais poderia acontecer, pelo que a protagonista se desespera e, na impossibilidade de juntar os pedaços de ego fragmentado, vai da passagem ao ato, destruindo tudo e todos que acredita estar contra ela.

## **2. Metodologia:**

Para que alcancemos nosso objetivo, se faz necessário que articulemos e façamos uma pequena exposição de dados tanto históricos quanto teóricos: por isso, num primeiro momento, munidos de referências que versem sobre a antiga sociedade grega, discorreremos acerca da condição da mulher neste ambiente, a fim de que compreendamos qual era, do ponto vista sociocultural, a posição de Medéia enquanto esposa e mãe. É importante destacar que, ao abandonar Medeia à própria sorte, Jasão automaticamente a condenou ao desprezo de seus contemporâneos uma vez que ela havia, guiada pelo amor tresloucado que sentia, causado de forma indireta, a morte de seu irmão e roubado a joia que era sua obrigação proteger. É evidente que neste trabalho não se busca justificar os crimes cometidos, mesmo porque não é da competência dos autores debruçar-se sobre questões de ordem ética ou sequer jurídica. Diferindo de algo desse gênero, o presente artigo tem por pretensão máxima entender Medéia em sua singularidade enquanto sujeito.

No segundo momento faremos uma explanação teórica acerca da estrutura psíquica psicose, com base nas contribuições lacanianas, o que abre espaço para que, adentrando no filme e seu enredo propriamente dito, já no terceiro momento, façamos uma análise do drama retratado no filme, destacando diálogos que consideramos chaves para a instrução deste trabalho.

### 3. Resultados e Discussões:

#### 3.1.1. Contexto sócio-histórico: a condição da mulher na sociedade grega

Na Grécia Antiga, comumente alardeada como suposto berço da civilização ocidental, o patriarcado assumiu o controle total sobre a vida de cada pessoa que sobre ela habitou: sua sociedade, dividida em classes, era composta por dominadores (cidadãos masculinos) e, do outro lado, submetidos, sujeitos que, em vista de sua condição social, não tinham direitos, somente obrigações a cumprir. Nesta continuidade, nem criança, muito menos mulheres, eram tidas como almas educáveis ou completas em seu desenvolvimento. As uniões e as relações, quaisquer que fossem, estavam determinadas pelo o *status* social que o sujeito tivesse e que poderia obter, portanto, o que estava em jogo era exercer o controle sobre o outro. Por isso, no que se refere ao campo da sexualidade, não interessava o gênero que o parceiro tivesse, desde que os papéis de ambos permanecessem de acordo com os protocolos sobre os quais se erguiam a sociedade antiga. Garton (2009, p.62), por exemplo, indica que “o tropo central da cultura sexual greco-romana era actividade /passividade”, ou seja, “o que constituía o estatuto e a identidade era o facto de ser ativo, penetrando o parceiro, ou passivo, recebendo o parceiro”. Somente o cidadão masculino possuía os requisitos necessários para assumir a atividade, enquanto que mulheres, escravos e jovens, constituíam o lado da passividade<sup>2</sup>. Além do mais, nesta sociedade, as mulheres eram seres sexualmente incompletos, em comparação aos homens<sup>3</sup>, e estavam sujeitas a sua autoridade<sup>4</sup> de modo que, sobre elas, havia uma enorme quantidade de prescrições e leis, cuja aplicação se resumia a punir a ofensa feita ao homem que exerce o arbítrio. No entanto, no tocante a ele, caso viesse a cometer adultério ou violasse uma jovem, a punição levaria em conta que o crime atingiu a honra de outro cidadão, possuidor dos mesmos direitos e deveres sobre a submetida.

Foucault (2014, p.179) explica que o casamento era a união que permitia ao cidadão grego a certeza de que sua descendência nasceria com o *status* social necessário para dar continuidade aos seus negócios, logo, a fidelidade da mulher era fundamental para a constituição da família e de uma prole honrada, mas, de maneira alguma, restringia a liberdade sexual do homem que, tanto quanto

<sup>2</sup> É preciso considerar que esta afirmação parte da premissa de que as relações sociais entre os cidadãos gregos e os demais membros da sociedade pautam-se na importância do papel ativo/dominador assumido pelo homem.

<sup>3</sup> Garton (2009, p.71) explica que o entendimento biológico da Antiguidade partia de dois quadros, o hipocrático e o aristotélico: o primeiro diferenciava mulheres e homens fundamentalmente, “as mulheres caracterizadas por um excesso de sangue”, o segundo via a mulheres como homens não desenvolvidos. Galeno, cirurgião grego, concebeu, a partir destas duas premissas, a hipótese do corpo unissexo, no qual o homem e a mulher compartilhavam o mesmo tipo de corpo, distinguindo-se pela quantidade de calor e de energia que o corpo gerava, logo, as mulheres eram imperfeitas e incompletas em vista da frieza inerente ao seu sexo.

<sup>4</sup> Necessariamente o pai e, posteriormente, o esposo.

achasse necessário, manteria relações sexuais com escravos, prostitutas e/ou concubinas: “[...] ter relações a não ser com sua esposa legítima não faz parte, de modo algum, de suas obrigações.” Isto bem explica a formulação de Desmóstenes, em seu libelo *Contra Nera*: "Temos cortesãs para nos dar prazer; temos concubinas para com elas coabitarmos diariamente; temos esposas com o propósito de termos filhos legítimos e de termos uma guardiã fiel de tudo o que se refere à casa", este aforismo definia o papel da esposa enquanto receptáculo do sêmen do homem, embora, dentro do lar, ela fosse autoridade e, na maioria dos casos, a exercesse de maneira que o marido a valorizasse por isso. Assim, as mulheres criavam suas próprias redes sociais para se adequarem a este mundo excludente e patriarcal:

E enquanto os homens participavam numa cultura pública masculina global, as mulheres eram deixadas sozinhas para desenvolverem as suas próprias relações sociais. Em Atenas, particularmente, as mulheres estavam confinadas a esfera doméstica. [...] as mulheres eram vistas como fecundas, investidas de um definível “poder feminino sobre a vida e a sexualidade”, o que as envolvia num mundo feminino de comadres e amas [...] (GARTON, 2009, p.68).

As mulheres gregas, portanto, eram educadas para viverem, especificamente e somente, dentro da esfera do lar doméstico, a fim de que desta forma, fosse garantida sua fidelidade para com o esposo e a posterior certeza de que os filhos que procedessem desta união, eram, de fato, dele. Confinadas, elas passavam da mão do pai para o marido e, caso este morresse, antes da filha obter um casamento vantajoso, passava para os cuidados de um irmão ou parente mais velho. Conforme Roberts (1998) assinala, havia uma verdadeira vigilância constante sobre a mulher grega, iniciada pelo estadista Sólon, que subiu ao poder no século VI a. C., considerado um sábio governador de Atenas, este homem, apoiado pelos comerciantes e fazendeiros da classe média, criou regulamentos que garantissem a constituição de famílias monogâmicas, de sorte que, os aristocratas continuassem acumulando riquezas para repassar a seus descendentes. Deste modo, Sólon garantiria que a classe média, que o fez emergir, permanecesse no poder a fim de apoiá-lo, Roberts, explica esta tática:

Uma parte fundamental de sua estratégia era a regulamentação de suas estruturas familiares. Dividida em pequenas unidades familiares nucleares, os homens da classe média competiam ferozmente um com o outro, firmemente decididos a acumular propriedades e riquezas para transmiti-las para sua prole (1998, p.33).

Já que era tão necessária esta regulamentação, não é de estranhar que se fizesse, a partir deste momento, uma divisão significativa entre as *mulheres respeitáveis* e as prostitutas, o primeiro grupo, desde que nascia, estava destinado a se tornar um misto de esposas dedicadas, invisíveis e mudas, não lhe sendo permitido participar, por nenhum modo, do universo masculino: elas estavam

confinadas ao lar de forma que “os nomes das mulheres não podiam ser pronunciados em público a não ser depois de terem morrido” (Garton, 2009, p.68). Segundo Roberts (1998, p.34), qualquer outro conhecimento, que não fosse o doméstico, era proibido uma vez que somente as prostitutas tinham este privilégio, não ficando bem a uma *mulher respeitável*.

### **3.1.2. Exposição teórica: estrutura psíquica psicótica**

Medéia é uma das personagens mais emblemáticas da literatura clássica, ao mesmo tempo em que sua história segue uma lógica que predominava no senso comum da época: a de que as mulheres, em sua teia de saberes ocultos, abrigavam um grande mal, razão pela qual deviam ser trancadas em casa, sem nenhuma comunicação com o mundo externo. A chocante vingança da sacerdotisa de Argos demonstra o quanto é atribuído ao feminino um papel assustador e desprovido de qualquer razão, apesar dela ser a única personagem feminina que assume o protagonismo em uma tragédia grega.

Defendemos, neste trabalho, o argumento de que a personagem é movida por impulsos de ordem psicótica que a fazem perder, completamente, a lucidez e as fronteiras dos interditos sobre os quais a antiga sociedade havia se constituído, na medida em que, assassinando os filhos, acredita estar punido Jasão pela ofensa sofrida. Uma vez que apresentamos tal argumento, é necessário expor premissas relevantes que embasem, teoricamente, as conclusões a que chegamos. Em primeiro lugar, a psicose deve ser entendida, pelo viés analítico, como uma estrutura psíquica sobre qual, conforme Joel Dor (1991) pesam especificidades da economia do desejo, regida por uma trajetória estereotipada. Ou seja, é a maneira como o *desejo* é constituído que permitirá a predominância de traços estruturais de determinada estrutura psíquica. Tal economia não pode ser dissociada do Complexo de Édipo uma vez que é somente por ele que as demais relações subjetivas, afetivas e transferenciais, se fundamentam. Nele, a criança, futuro sujeito, experimentará as sensações de prazer, dor, amor, ódio e necessidade guiada pelas figuras parentais que buscam educá-la de acordo com as ordenanças da cultura.

Lacan (1995) aponta que o Édipo só pode se constituir na medida em que um terceiro se presentifica na relação de *dois*, enquanto este não for notado e nem mesmo comparecer, a fase é classificada pelo psicanalista como *pré-edípica*, ou seja, uma extensão, no exterior, do laço primeiro que a criança mantém com mãe anterior ao nascimento. Ora, o terceiro só pode vir a comparecer quando a mãe frustrar a criança com a sua ausência, antes nunca sentida e significada:

A mãe [para o bebê] existe como objeto simbólico e como objeto de amor [...] A mãe é inicialmente mãe simbólica, e é só na crise da frustração que ela começa a se realizar, em razão de um certo número de choques e de particularidades que se produzem nas relações entre a mãe e a criança. A mãe objeto de amor pode ser a cada instante a mãe real, na medida em que frustra esse amor (p.229).

Lacan nos diz, claramente, a necessidade da mãe *falhar* para que seja vista como mãe real e, a partir dessa primeira dor, o mundo, enquanto real, comece a ser conhecido pela criança ou suposto por ela quando ela se percebe que a imagem da mãe, ausente, mostra um horizonte que ela não preenche, suscitando um questionamento imprescindível: “Ela vem, ela vai: o que explica essa alternância de presença e ausência? Não sou *tudo* para ela, já que ela volta? Não sou *nada* para ela, já que ela se ausenta?” (JULIEN, 2002, p.64).

A criança perceberá que não é onipotente, afinal, a ausência lhe denuncia tal coisa. Novamente, ela (re)vive o desamparo frente um mundo, no qual fora lançado sem pedir e sem saber. Ao mesmo tempo, ela terá prova de que é importante, pois que, afinal, a mãe retorna para ampará-la e suprir sua necessidade. Apesar disso, a dúvida permeará e angustiará o infante na medida em que não houver objetividade nas respostas destes questionamentos, ambos, condensados em um único: *o que a mãe deseja?* Ora, só a mãe possui a resposta ao enigma, só cabe a ela responder, e, o que ela responder, é que permitirá (ou não) a entrada do terceiro da relação, o pai, cuja função é estabelecer o *corte* necessário à relação do bebê e sua mãe, instituindo a Lei, por meio da angústia da castração, correlato do Édipo.

### **3.1.3. Análise: o desencadeamento da psicose da Medéia**

De acordo com que expusemos, a mãe tem uma função decisiva na inserção do significante pai na relação, a fim de que, desta maneira, o Complexo de Édipo, possa se instituir, esta premissa é o que certamente determina a estruturação neurótica e seus correlatos, modulando o desejo da criança e a fazendo confrontar-se com a dor que o *existir* impõe. No que se refere ao pai e sua função, já frisamos, sua importância é fundamental para que o pequeno sujeito entre no mundo de significante, e possa desvincular-se da vontade que antes era regida pelo desejo do *Outro*.

Na psicose o processo é feito inversamente, ou seja, ao invés da criança se desvincular do desejo do *Outro*, continua ligado a ele, completamente alienada uma vez que a figura parental materna não foi capaz de responder a questão que sua ausência-presença demandava. É certo afirmar que a mesma cerceou tanto a criança, envolvendo-a em seu desejo que, nessa rede, o significante primordial<sup>5</sup> não adentrou, a consequência disso é que ficará, para este sujeito, um buraco psíquico, ou, em outras palavras, uma questão primeira que não terá a resposta fundamental, o que não impede que inúmeras significações tentem preencher esse vazio

<sup>5</sup> Lacan (1997) nomeará o nomeará como o Nome-do-Pai, do qual, a figura paterna é uma simples metáfora.

como se fossem muletas que apoiam o indivíduo por algum tempo. Na verdade, usando as palavras de Lacan, o psicótico estaria se sustentando por meio de uma *compensação*, de modo que eles “têm aparentemente os comportamentos comuns considerados como normalmente viris, e de uma só vez, misteriosamente, Deus sabe por quê, se descompensam” (Lacan, 1997, p.233). Descompensar-se aqui tem o mesmo sentido de surtar e é o indicador que, em algum momento, por alguma eventualidade, os subterfúgios de significações não foram capazes de sustentá-lo por muito tempo, levando-o ao desencadeamento psicótico.

É o que acontece com Medéia: antes mesmo da narrativa começar, sabemos que a ex-sacerdotisa tramou a morte de seu próprio irmão para que ele não fosse um empecilho no caminho de Jasão, há que se notar que ela se apaixonou pelo herói de maneira descomunal e sem nenhum precedente. Uma promessa de que seria por ele desposada foi o suficiente para que sacrificasse tudo e todos para ser feliz com o homem que acreditava corresponder o seu amor: em sua concepção bastaria entregar-se completamente a Jasão, para que fosse, novamente, uma com o *Outro*. O que não podia esperar era que, anos mais tarde, estando ambos na cidade de Corinto, Jasão a preterisse pela filha de rei Creonte e, além disso, que ele mesmo fosse o agente de seu desterro. Ante tão brusca e decepcionante revelação, Medéia arquitetava a mais cruel e sanguinária vingança contra o homem que a ofendeu, não permitindo que nenhum daqueles que estivesse contra ela vivesse, nem mesmo os dois filhos que teve dessa relação. Na verdade, é justo inferir que, foi neste momento, que as muletas que até então usava para se sustentar psiquicamente, das quais, Jasão era uma delas, não seriam mais úteis uma vez que, diante do trauma, elas tornaram-se obsoletas. Mas a verdade é que o buraco, que a tudo engoliu, reclama ser preenchido a qualquer custo sob pena de consumir o sujeito psicótico de dentro para fora. Nestas circunstâncias, Medéia só consegue pensar em vingança e nas formas de fazer com que Jasão sinta a mesma dor, dilacerante, que ela sentia.



**Amiga:** O que você vai fazer, Medéia?

**Medéia:** Estou pensando nas crianças... E em mim.

**Amiga:** Como?

**Medéia:** Esperava que eles jogassem o pó sobre mim quando eu morresse.

**Amiga:** Então leve-os com você.

**Medéia:** Com a morte deles eu posso atacar seu pai.

Nesta cena, nada mais é dito, o fogo, simbolicamente, consome a câmera e, logo em seguida, o filme nos mostra o efeito do letal veneno no cavalo que, alucinado de dor, corre desesperado pelas areias do deserto até encontrar-se com a morte, algo bastante metafórico do que ocorre tanto com Creonte e sua filha, ambos contaminados pela substância mortífera. A necessidade de vingança premente que se apresentou, mostra-nos que não era somente o desejo de atingir Jasão que a guiava,

mas, sobretudo, a passagem ao ato pode ser “uma tentativa de realizar a castração simbólica pelo real” (Guerra, 2010, p.44), tentando se desvincular desse Outro que a invade e a submete.

Medéia mata os inimigos atribuindo a eles a razão de toda a sua desgraça, assim como enforca os dois filhos para, como ela mesma indicou, atacar o pai. Somente dessa forma ela poderia, segundo a lógica psicótica, estabilizar-se e ter condições de continuar vivendo.

#### **4. Conclusão:**

Nossa pesquisa buscou, à luz da psicanálise de base lacaniana, entender o drama da personagem principal, no filme *Medea*, dirigido por Lars Von Trier, uma mulher ante a dor de uma iminente separação do objeto que amava loucamente. Na exposição que fizemos, percebemos traços estruturais preponderantes na protagonista no que se referia ao seu desejo e de como a mesma se colocava, enquanto sujeito, no mundo: ora ela nada mais era do que *pertencente* a Jasão, ou, melhor dizendo *uma parte* dele, de modo que, ao ser vilmente ultrajada, sentiu que só havia a vingança pela qual, despedaçada, poderia unir-se novamente, em termos psíquicos.

Neste sentido, consideramos que a condição social de Medéia foi uma das razões que a motivaram a pensar que estivesse inteiramente desamparada uma vez que, devido as ações praticadas em momento anterior aos fatos narrados na obra, a impossibilitariam de recomeçar a viver no degredo em que foi condenada pelo rei Creonte: como mulher era propriedade do marido ou de quem, antes dele, tivesse sua guarda, estando presa as ordenanças de figuras masculinas autoritárias e, no caso de Jasão, inescrupulosas.

De acordo com a teoria que dispomos, em seguida, manuseamos alguns conceitos metapsicológicos a fim de explicar máximas em nosso artigo no que diz respeito ao que identificamos como sendo da ordem do inconsciente na personagem, por isso, foi pertinente colocar o caminho da fundamentação das estruturas clínicas e do que, devido a fatos que vão muito além do sujeito, pode acarretar na predominância de um tipo específico em detrimento ou diminuição de outra. É importante que destaquemos que, no que tange a análise, não nos valem de suposições quanto ao passado da personagem uma vez que todas as informações repassadas a esse respeito estão diluídas no texto cinematográfico na medida em que a história se desenvolve. Nessa ideia, Medéia já demonstrava sinais de uma espécie de amor tresloucado quando, sem medir as consequências, roubou o Velo de Ouro que, em tese, devia proteger para favorecer Jasão em sua busca.

Dessa forma, a vingança que planejou e executou, vista como desencadeamento psicótico, nos deixa evidente a necessidade que ela tinha de se manter conectada ao *Outro* a quem o herói grego representava, relação que fora brutalmente cortada, como que, conforme Guerra aponta, o advento da castração tivesse sido feito no Real.

### **Referências Bibliográficas:**

- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução: Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Vida, 2014.
- GARTON, Stephen. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual**. Lisboa: Editora Estampa, 2009.
- GUERRA, Andréa M.C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- JULIEN, Philippe. **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses [1955-1956]**. Tradução: Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto [1956-1957]**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- TRIER, Lars Von. **Medéia**. Versatil Home Video, 1988.